

Associação Nacional de História – ANPUH

XXIV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA - 2007

Modalidades discursivas e Totalitarismo¹

Fernando Kolleritz²

Resumo: várias linguagens aproximaram-se do mundo totalitário, um universo de existências bem reais que abrangeu, segundo discussões entre especialistas, os países comunistas, o fascismo italiano e o nazismo. Com otimismo, defende-se aqui que esta polifonia de linguagens trouxe progresso no conhecimento do fenômeno totalitário. Estas linguagens, tentamos esquematizar, contam-se em número de quatro, tomando a forma, a) do testemunho e da ficção, b) da filosofia política, c) da teoria política e, d) da História.

Palavras-chaves: Soljenitsyne, Deutscher, Arendt

Resumé: plusieurs langages ont traité du monde totalitaire, un univers de vies réelles qui engloba, selon l'opinion des spécialistes, les pays communistes, le fascisme italien et le nazisme. Voulant être optimiste, nous prétendons que cette polyphonie linguistique a apporté quelque progrès dans la connaissance du phénomène totalitaire. Ces langages, pouvons nous schématiser, ont pris quatre formes, a) celle du témoignage et de la fiction littéraire, b) celle de la philosophie politique, c) celle de la théorie politique et, d) celle de l'Histoire.

Mots-clefs: Soljenitsyne, Deutscher, Arendt

DISTINÇÕES

Como se pode observar desde já, testemunho e ficção expressam a realidade totalitária a partir de viés subjetivo assumido; são referências internas ao vivido, real ou imaginário, constituem percepções e sentimentos elaborados a partir de vivências reais ou ficcionais; retratam o mundo da maneira como é existido, a partir *de dentro* dos afetos

¹ Por motivos de espaço, dois itens do texto original foram suprimidos: o primeiro diz respeito à linguagem da teoria política e o segundo concerne à linguagem da filosofia política.

² Professor doutor. Unesp, Campus de Franca, Curso de Relações Internacionais, pós-graduação de História.

emocionais, dos sentimentos e das avaliações morais, com reconhecimento explícito da sensibilidade e da imaginação. Por sua vez, os três outros “gêneros” constroem-se em exterioridade, versam “sobre” a formação social totalitária, tentam objetivar o mundo de que falam, recortando aspectos, distinguindo níveis de realidade, estabelecendo cronologias, permanências e durações, determinando variáveis e constâncias, apreendendo o sentido dos acontecimentos, a concepção de mundo que recobrem, o imaginário e o simbólico que o respaldam.

Entre estas duas “espécies” de linguagem que aqui se propõe distinguir a primeira tende a ser imediatamente normativa, a outra, por dever de ofício, deve manter-se axiologicamente neutra. Mas é difícil pensar que as citações testemunhais, as ilustrações ficcionais, quando adentram as referências dos textos de pesquisa *stricto sensu* não as marque indelevelmente.

Não é difícil dar-se conta que estes discursos vários, ao mesmo tempo que se respaldam e se contagiam mutuamente na descrição e na análise das formações sociais totalitárias, disputam entre si quanto à respectiva capacidade heurística. À guisa de lembrete, apenas, o leitor refletirá que a relação tecida entre o comunismo e o Texto é, pode-se dizer, intrínseca. E também única. Foi com certeza a primeira vez na História que uma ação política foi empreendida em função de um texto que assegurava sua validade teórico-científica. A garantia da eficácia desta ação presentificava-se em inacabadas páginas de um grande livro teórico.³

Este texto versa mais exclusivamente sobre as várias linguagens que se aproximam da realidade comunista. Mantemos o conceito de totalitarismo em especial porque se desdobra nas várias linguagens referidas, mas não há como, sobretudo quando a abordagem for histórica, não enfatizar processos próprios às respectivas formações sociais. De qualquer forma, se a disciplina histórica se propõe intertextualidade, todas as modalidades discursivas, inclusive a ficção, participam dos batismos conceituais.

TESTEMUNHO E FICÇÃO

Neste elenco, tudo começa com os testemunhos e depoimentos de refugiados da Revolução russa, de ex-beneficiários e defensores do antigo regime, como também de alguns dos seus adversários mencheviques, socialistas-revolucionários e anarquistas, refugiados da ira bolchevique, banidos da nova ordem, primeiros desiludidos da Revolução no poder.

³ *Mein Kampf*, se a comparação tem algum nexa, possui escrita impressionista, habitada pelos mais evidentes fantasmas..

Constituem uma primeira literatura informativa e denunciadora que os historiadores de profissão não se furtarão a utilizar mais tarde.

Neste rol que não cessou de aumentar, conhecem-se talvez melhor os testemunhos daqueles que haviam participado da gestação revolucionária e, muitas vezes, ainda se reivindicavam comunistas no momento em que escreviam. Para muita gente, contrastada a uma escrita liberal ou conservadora, sua fiabilidade constituía-se de certa forma maior, pois que denunciavam o que teriam gostado de defender. Entre as mais conhecidas, as narrativas testemunhais de Victor Serge, Anton Ciliga, Painet Istrati, e Arthur Koestler, revolucionários de cepa, intelectuais afamados em alguma medida entre as coortes do comunismo internacional nos anos gloriosos da Revolução, cuja sorte pessoal foi variada, aderindo alguns a oposições anti-stalinistas, passando não raras vezes pelas prisões soviéticas, vivendo com freqüência o resto de suas vidas em função de voltar a se situar nos rumos da política revolucionária que os haviam traído. Malditos indesejáveis, fora da lei, em seus países de origem (Iugoslávia, Romênia, Bélgica e Hungria) e correndo risco de vida nos territórios ao alcance dos esbirros policiais de Stalin.

Outros testemunhos provêm da defecção de ex-quadros comunistas, já pertencentes a segunda geração da sociedade soviética bem rodada, embrenhada numa lógica que lhes aparece subitamente absurda, indefensável com a qual não podem negar que se acumpliciaram; engenheiros como Victor Kravchenko, policiais como W. Krivitski, que longos prazos ruminariam suas dúvidas incomunicáveis no universo solipsista do terror. Descrevem aspectos diversos da sociedade: escolas e inculcação, fábricas e (surpresa!) exploração, escritórios e apartamentos em sobressaltos de pavor, o mundo sempiterno das reuniões e da auto-crítica constante, do sorriso artificial afixado em público. Ao lado destas defecções rumorosas que, na imprensa ocidental, geravam escândalo, foram sendo publicados memórias ou diários, póstumos alguns, escritos no segredo do exílio interno; encontram-se alguns destes relatos, por exemplo, em Nadejda Mandestam (*Contre tout espoir: souvenirs*), em Boris Iamposski (*Présence Obligatoire*).⁴ Dentre os testemunhos, os mais repisados (e mais inesperados em se tratando de uma sociedade que se originou de uma teoria emancipadora) narram prisões, campos e tortura. Correspondem aos exatos equivalentes das obras que testemunham os campos nazistas e desenvolvem com eles um grau de similitude impressionante. A lista destes depoimentos de russos e estrangeiros, membros do partido ou não, muitos inclusive stalinistas, caídos nas malhas da Tcheka, (GPU, NKVD, KVD ou KGB,

⁴ MANDESTAM, Nadejda. *Contre tout espoir: souvenirs*. Paris: Gallimard, 1972; companheira do poeta Ossip Mandelstam, morto em campo. IAMPOSSKI, Boris. *Présence Obligatoire* (póstumo), KONSTANTINOVSKI, Ilia. Boris Iampolski et son Témoignage. *Oeuvres entrecroisées*. Lausanne: l'`Age d'Homme. 1990.

pululantes nomes para a mesma função funesta das polícias políticas) ultrapassa, inclusive, a era Stalin, integrando dissidentes como Marchenko, Almarik, Boukovsky, nas décadas de 1960 a 1980. Na prosa dedicada a este mundo todo especial, refiro, um pouco ao acaso, *A confissão*, *A vertigem(I)* e *O céu da Kolyma(II)*, *O acusado*, *Memórias de Sologdine*, *Um mundo à parte*, *A condição inumana*, *Pitesti (Laboratório Concentracionario)*.⁵

Não houve, sabe-se, fronteira para os mundos concentracionários comunistas, invadiram todos os continentes, praticamente todos os países em que houve socialismo e temos relatos da Romênia, da China, do Vietnã, do Camboja, de Cuba, da Coreia do Norte etc. Notáveis por terem descrito sucessivamente os campos russos e alemães, os livros de Margarete Bubber-Neumann, ex-comunista entregue pelos soviéticos aos nazistas em seqüência ao pacto germano-soviético de 1939, *Prisioneira de Stalin e Hitler*, e seu *Milena*, este, em homenagem à amiga presa ao seu lado em Ravensbruck, a mesma Milena amada de Franz Kafka.

Que dizer dos testemunhos em duas palavras? O grau e a extensão de perversidade descrita proíbe que, definitivamente, se defenda o regime; são relatos muito visceralmente incriminadores que denunciam ao mesmo tempo a tortura (e a extenuação forçada) e a ideologia, uma ideologia que ao longo dos calvários descritos a todo instante se explicita, verborrágica, na boca de um procurador-torturador comunista, de um guarda assassino, piosos zeladores do sistema. Quer dizer não dá para relativizar a tortura em nome da ideologia boa, o ideal soletrava-se, urrava-se, praticava-se constantemente durante as sessões de tortura e ao longo dos anos de cumprimento das penas. O inquisidor encontrava na ideologia seus justos motivos, suas boas motivações.⁶ Observe-se então o abismo em que se cai: em qualquer lugar do mundo, um homem de esquerda, de confissão revolucionária, expressaria as mesmas idéias que os *torturadores-nossos-companheiros*: em boa parte, sem dúvida, conceitos e premissas, senão cada palavra, seriam exatamente os mesmos. Os testemunhos significam uma concretude que nenhuma ideologia consegue absolver, que, ao contrário, constitui-se como antídoto a ela pela sua exata remissão ao concreto. Certos golpes e certas palavras não casam.

São obras naturalistas: falam o tempo todo da dor, dos nervos sobressaltados, dos ossos perfurando a pele esfomeada, dos membros gangrenados pelo frio, da inteira redução dos homens a suas carências e necessidades, e insistem em dizer que o homem em certas circunstâncias não passa disso e fará qualquer coisa para comer, para dormir, para a que a dor

⁵ As traduções de títulos das obras referidas são minhas.

⁶ Na Oban brasileira os oficiais e sub-oficiais se diziam patriotas, uma relação de causa e efeito: para proteger a Pátria, tortura-se.

cesse. De algum modo, durante longas passagens, o texto é como se fosse ele próprio uma epiderme, os tecidos da carne, cartilagens. São textos “sensíveis”, como películas, quer dizer, exacerbados pela sensibilidade, textos continuamente à flor da pele, expressivos, ao mesmo tempo, dos sentidos e dos afetos, de sobressaltos morais. Eles reproduzam o que a epiderme produz, simultaneamente a dor e o protesto, a dor e o apelo. Uma segunda camada feita de palavras recobrando e duplicando, na maior proximidade possível, o que se viveu.

As obras dão a palavra ao corpo sofrido, ecoam nas mesmas ondas doloridas humilhação, desespero e repúdio. Desta experiência limite, o texto parece não deixar nada de lado, recobre toda a extensão de um mundo reduzido a chagas, em compensação não pretende incluir nada além. De certo modo, é como se a “experiência” comunista se encerrasse, toda ela, aí, pormenorizadamente descrita, como se tudo se esgotasse aí, como se não houvesse muito mais o que dizer sobre o comunismo realmente existente, tal como também o nazismo se revelou e se exauriu em suas salas de tortura, em seus campos, sua verdade, desde o início até o fim. Tal é a redução eidética do sistema pelo testemunho: a isso se resume, e o texto não precisa (e não procura) se extrair da textura do real do grande norte siberiano. Não deixa de ser um modo interessante de desvelar o totalitarismo: nada poderá fazer com que se deixe de sentir o curto-circuito entre o político e a fisiologia dos corpos já que, sem dúvida, as epidemias de cólera nos barracos, a pululação de percevejos nos catres durante noites insones, os assassinatos em massa, são politicamente decididas; e provêm do alto, os presos não se enganam quando constantemente endereçam suas cartas – pedidos de socorro, de correção da injustiça – a Stalin.

Não escapamos muito deste clima quando adentramos a ficção. Lembre-se o leitor do ambiente soturno de *1984*, da vigilância exercida sem trégua sobre os funcionários de Oceania (“Big Brother vos observa”), do entusiasmo histérico que se afixa em apoio à doutrina, do tratamento infligido a Winston e à Julia. A sorte de Roubachof do *O zero e o infinito*, durante os interrogatórios não é muito melhor, nem a das personagens-numeros centrais do romance de *Zamiatine, Nós*.

Tomemos um romance talvez menos conhecido, traduzido para o português: sem a ficção *O mestre e Margarida*⁷, algo do caráter surrealista do mundo comunista nos escaparia; poucos textos designam tão bem o caráter alucinante do cotidiano nos anos stalinistas, quando o diabo voa solto – ele mesmo, o Manco e seus comparsas fantasmagóricos – acima dos telhados de Moscou, violentando interiores pelas janelas, sumindo com as pessoas.

⁷ O Mestre e Margarida.

O realismo mágico, sob as espécies do corpo polimorfo do Príncipe das Tréguas, eterno rival de Deus, traz a perspectiva que cabe ao estarecedor clima moscovita, a partir dos anos 1920, e estabelece a gravidade esdrúxula, o inimaginável farsesco dos extremos stalinistas: vítimas que no momento de serem fuziladas clamam amor ao seu carrasco. Tão somente se percebermos o dantesco assombrando o real, a remissão ao nazismo (cujos aspectos hubescos foram tantas vezes ressaltados) tomará pé, firmando proximidades inesperadas entre regimes. Tornar palpável, com imagens ora folclóricas ora religiosas, a transformação do real numa cena de bizarrice apavorante, evoca o absurdo em que as relações humanas foram mergulhadas, anima e aprofunda a compreensão do totalitário, dá à noção maior espectro heurístico. A alegoria faz surgir o real que inspirou a alegoria.

Também neste caso, as obras seriam inúmeras. As pequenas cenas de Varlam Chalamov, contando o Kolyma consagraram-se na literatura concentracionária, Iouri Dombrovski, Vassili Grossman, Alexandre Zinoviev tornaram-se referências literárias inevitáveis na evocação dos temas mais escabrosos da vida soviética.⁸ Ainda aqui, descrevem-se mundos onde o privado e o íntimo desapareceram traumáticamente, onde a espontaneidade sumiu; não se pensa, não se sente, senão perigosamente, num universo gélido, parcimonioso, de pessoas desmunidas dos outros, desautorizadas de si.

HISTÓRIA

Ao qualificar o terror, ao descrever suas formas e circunstâncias, ao narrar seus episódios, ao inscrevê-lo na interpretação com parte intrínseca do regime, a História contemporânea conflui de maneira particularmente expressiva para trazer significado aos eventos comunistas desde 1917. Evidentemente é de todo um sistema organizativo, de todo um complexo de práticas que a historiografia trata, mas quanto à repressão a História traz números, fornece escalas, os arquivos trazem elementos concretos e são documentos... da polícia. E a própria escala, por inaudita, precisa de explicações. A historiografia tende, então, a firmar a ligação interna entre ideologia e terror: resistências, oposições, obstáculos de qualquer tipo têm de ser eliminados porque são indícios claros da persistência exacerbada da luta de classe, não importa se a resistência vem dos próprios trabalhadores. Neste prisma, o campesinato, classe afeita à propriedade, teria de modo ou outro que ser sacrificado; vê-se as dimensões do que estava prestes a acontecer... uma vez que o Partido pretende incarnar a

⁸CHALAMOV, Varlam. *Kolyma I-III*. Paris: François Maspero, 1982 (para a literatura concentracionária) [A região de Kolyma estende-se ao extremo nordeste siberiano ao longo do rio de mesmo nome, onde campos enxamearam]. DOMBROVSKI, Iouri. *La faculté de l'Inutile*. Paris, Albin Michel, 1979. GROSSMAN, Vassili. *VIE ET DESTIN*. Paris: Julliard, 1987. ZINOVIEV, Alexandre. *Les hauteurs béantes. L'avenir radieux: notes d'un veilleur de nuit*. Paris: Robert Laffont, 1990.

revolução, uma vez que a dimensão democrática representativa se lhe tornou completamente estranha, uma vez que os camponeses pobres e médios, inclusive, se opunham à coletivização e à desagregação comunitária.

Assim, o consenso historiográfico se reforça quanto à existência de uma “cultura concentracionária” socialista; eis que a História, seguindo o mesmo passo que os testemunhos, fornecendo números, indicando locais e datas, responsabilizando pessoas, desvelando os mecanismos que se instalam, traz peso de realidade ao mundo do socialismo, mergulhado que estivera nas brumas das esperanças e das ilusões, e no engodo. Uma correção historiográfica essencial incide na questão da precocidade do regime soviético em instalar os mecanismos do terror, faz recair sobre Lênin e seu período a responsabilidade de ter instalado a lógica e os mecanismos intra e extra-partidários que induziriam o stalinismo possibilitando os massacres de camponeses nos anos 1929-1933 e os expurgos de 1936-1938.

Os catálogos brasileiros mais recentes podem dar uma idéia local da intensidade da desmontagem histórico-ideológica corroendo as parcas sobras do imaginário revolucionário bolchevique.

Em 1999, a publicação do *O livro negro do comunismo*; em 2004, a de *Gulag, uma história dos campos de prisioneiros soviéticos* de Anne Applebaum, ainda em 2004, o *Stalin, Triunfo e Tragédia* de Dmitri Volkogonov, e, em 2005, a reedição do *Trotski*, obra prima de Isaac Deutscher, historiando os moldes em que o organizador do Exército Vermelho idealizou e tentou levar a bem com ímpeto radical, bem do seu feitio, a militarização plena do trabalho na Rússia bolchevique; o prestigioso líder, escreve o insuspeito Deutscher, ratificava por inteiro a lógica da identificação da Revolução ao poder do Partido único, tentando transformar operários em conscritos, posição de dar inveja, ulteriormente, a qualquer stalinista.

Em 2006, o livro de Z. e R. Medvedev, *Um Stalin desconhecido* e, ainda, a publicação com certo pendor sensacionalista de S.S. Montefiore, *Stalin A Corte do Czar Vermelho*, sem falar, no mesmo ano, no *Mao, A história desconhecida* de Jon Halliday e Jung Chang. Por mais anedoticamente centradas no poder unipessoal que se mostrem algumas dessas obras, forcem a pergunta quanto ao laço interno entre totalitarismo e poder incorporado ora no Primeiro Secretário, ora no Duce, ora no Grande Timoneiro, no Führer ou... no Comandante.

Ultimemos com algumas observações. Em primeiro lugar, até certo ponto as divisões aqui estabelecidas são artificiais: entre a montagem da conceitualização política e da elaboração histórica, os procedimentos não são sempre facilmente distinguíveis; entre a

ficção e o testemunho, a passagem é fluida. Há textos cujo poder de persuasão reside precisamente em articular de muito perto circunstâncias com construções conceituais: aliás, pode-se dizer isso de todas as obras mais ricas. O segundo ponto significativo são as referências respectivas de gênero para gênero: praticamente não há entre filósofos, historiadores e autores que refletem a política totalitária quem não refira, por exemplo, *1984*, e isso constitui mais do que uma citação, vale como pedido de aferição, tal o poder mágico de evocação de algumas obras ficcionais. Outro caso freqüente é um testemunho ser referendado (prefaciado, por exemplo) por um historiador de renome.⁹ Em suma, as modalidades discursivas destacadas respaldam-se umas às outras, associando-se numa espécie de constelação literária e confluindo para distinguir um sistema sócio-político. Do feixe textual, desprende-se uma notável e marcada correspondência entre as figuras políticas gerais do sistema e a inescapável condição antropológica das populações.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CHALAMOV, Varlam. *Kolya I-III*. Paris: François Maspero, 1982.

DOMBROVSKI, Iouri. *La faculté de l'Inutile*. Paris, Albin Michel, 1979.

GROSSMAN, Vassili. *VIE ET DESTIN*. Paris: Julliard, 1987.

IAMPOSKI, Boris. *Présence Obligatoire (póstumo) & KONSTANTINOVSKI, Ilia. Boris Iampolski et son Témoignage. Oeuvres entrecroisées*. Lausanne: l'Age d'Homme. 1990.

MANDESTAM, Nadejda. *Contre tout espoir: souvenirs*. Paris: Gallimard, 1972;

ZINOVIEV, Alexandre. *Les hauteurs béantes. L'avenir radieux: notes d'un veilleur de nuit*. Paris: Robert Laffont, 1990.

⁹ Por exemplo, *Execution by Hunger: the hidden holocaust* (1985), o testemunho de Miron Dolot, que narra a fome coletiva sofrida pelos camponeses ucranianos à ocasião da coletivização forçada das terras, é prefaciado pelo renomado historiador norte-americano Adam Ulam, autor de *Os bolcheviques*.